

“País está próximo de um círculo virtuoso”

“A grande novidade de 1996 foi que a economia recuperou o nível de atividade, com o governo fazendo muito pouca coisa para que isso acontecesse. Dizer que a taxa de juros baixou de 30% reais no ano passado para 14% este ano foi uma maravilha, mas isto não é exatamente um conceito de estimular a economia pela via da política monetária. O governo conseguiu superar a crise financeira, que começou na periferia. Não há dúvida de que a deterioração dos ativos migra de banco para banco, de instituição para instituição. E quando a gente pára, isso cessa. Só se sabe o tamanho quando parou.

Acho que o que o governo conseguiu sinalizar que não deixaria haver uma crise de proporções sistêmicas na economia. Isso é importante. Mas, talvez, a novidade mais importante, a terceira, tenha sido a melhoria do padrão de financiamento externo. O déficit em conta corrente por volta de 3% do PIB é totalmente financiado. O montante envolvido pelo crescimento da economia, em relação a aporte de capitais, com menor grau de compromisso, é muito menor, hoje, do que a gente poderia imaginar há um ano e meio.

Pensar que o país precisa de US\$ 8 ou US\$ 10 bilhões, em 1997, acima do que pode ter de financiamento direto, tendo reservas da or-



dem de US\$ 58 bilhões, é muito pouco. Na verdade, a qualidade do financiamento externo só pode ajudar havendo recuperação da poupança interna. A quarta novidade é que estamos com bons indícios de estarmos reequipando as famílias, preparando-nos para um novo nível de consumo, tirando o atraso, de certa forma. O país tinha pouco crédito, muitos tinham pouco acesso a isso. O que há de errado não é o crescimento do consumo; mas se esse crescimento de consumo for acompanhado também de instru-

mentos de captação de poupança.

Estamos trocando um crescimento de consumo, como mola da recuperação do nível de atividade, pela expansão de investimentos na área de bens comerciáveis, tanto para substituição de importações, quanto para exportáveis. Acho que isso é uma novidade importante do ano. Uma das coisas que se discutia há um ano era a qualidade desses investimentos.

Na nossa tradição, cabia ao governo determinar onde o dinheiro seria investido e quais eram os seto-

res eleitos. A nossa estratégia de crescimento sempre foi a escolha dos vencedores. E o governo bancava esses vencedores. Provavelmente, o predomínio das preocupações macroeconômicas nos últimos quatro anos - depois da grande crise do Collor - não encerram o assunto da promoção do crescimento, da qualidade do investimento.

Torna-se absolutamente necessário discutir a qualidade desse crescimento que vem por aí. Mas antes de mais nada é importante sublinhar o fato de que a abertura comercial, a remoção de barreiras ao acesso dos brasileiros ao consumo de produtos importados, abre oportunidades para o investimento. Se esse círculo virtuoso funciona, estamos de fato numa dinâmica de crescimento muito reforçada. Ela está baseada no fato de que se importou muito mais automóveis do que se imaginava há dois anos.

Qual o resultado disso? O resultado é que hoje no Brasil, com o grande potencial do mercado consumidor, ninguém que tenha sucesso em vender oitenta, cem mil veículos no Brasil, vai deixar de ser fabricante. Acho que isso é uma coisa importante. Evidentemente, nem todos que estão anunciando que vêm, virão para ficar. Alguns vão fracassar, vão perder o rumo. Essa é uma forma de investimento que está se anunciando”.